REVISTA DA ACADEMIA DE LETRAS DA BAHIA

abril de 2006 n. 47

Godofredo Filho, entre o espírito e o império dos sentidos*

Paulo Ormindo de Azevedo

Quando o professor Fernando Machado Leal foi transferido, pela antiga DPHAN, de Salvador para Ouro Preto, indicou-me para substituí-lo no órgão, embora eu fosse apenas um estagiário de arquitetura. A convivência diária no trabalho, durante uma década, permitiu-me conhecer bem de perto o carismático chefe do 2º Distrito da DPHAN na Bahia, Godofredo Filho, e criar, pouco a pouco, uma empatia com o poeta. O título desse testemunho tenta resumir a tensão entre os dois mundos em que vivia Godofredo e que, aos poucos, revelava aos amigos.

Os longos anos da juventude passados no Seminário Central tiveram sobre ele dois efeitos. Primeiro, o de desenvolver uma religiosidade quase mística dedicada à Virgem, e a reflexão permanente sobre a vida e a morte alimentada por suas leituras. Era freqüente repetir que embora não existissem provas de uma vida *post-mortem*, se ela existisse devia ser tão diferente desta, que ele tinha menos medo, que curiosidade em conhecê-la. Essa e outras "confissões" eram registradas e posteriormente desenvolvidas em um diário, que a morte não lhe permitiu concluir e publicar. O segundo efeito foi o de represar seu apetite pela vida por um longo período, o que provocaria uma verdadeira explosão com sua saída do seminário.

Tentando resolver esta tensão ele criticava o catolicismo pela obsessiva repressão ao prazer, mas não conseguia libertar-se do sentimento de

---

* Depoimento prestado no "Simpósio Godofredo Filho, cem anos depois", realizado no Solar do Berquó, em Salvador, no dia 26 de abril de 2004.

culpa de... *meus sete pecados/ meus onze mil pecados/ meus pecados sem conta...* Se como poeta tinha uma grande afeição ao *povereto* Francisco de Assis, a ponto de dar a sua obra poética completa o titulo **Irmã Poesia**, como homem se espelhava, na maturidade, no atormentado Santo Agostinho e esperava, como o sábio, o milagre de uma reconversão, que o libertasse, segundo dizia, da vida mundana para se reconciliar com a religião.

Mas não era assim que pensava ao se libertar do seminário e procurar descontar, sôfrego, o tempo de clausura. Ele resumiria, mais tarde, essa experiência nos chamados *Poemas do Pretérito Imperfeito*, titulo que reflete a tensão entre o ser e o dever ser. Em *Lamento da Perdição de Enone*, uma das mais eróticas e desesperadas poesias da literatura brasileira, o poeta se confessa refém dos sentidos e das paixões... *Quero fugir e não posso./ Quero correr e me sinto/ colado no chão da esquina.* Quantas vezes o vi plantado, horas a fio, nas esquinas do nosso centro histórico com o chapéu enterrado na testa e óculos escuros observando, impassível, o casario arruinado e o movimento das viventes desaquietadas nas janelas, balcões e calçadas.

Para ele o patrimônio e o seu conteúdo humano não se dissociavam. No seu poema *Ladeira da Misericórdia*, sua paixão pela cidade do Salvador, que inexoravelmente se deteriorava, se confundia com a perdição das mulheres da ladeira do seu tormento: Lalu, Durvalina, Eva, Marfisa, Dalva, Marilia, Sila, Silu, Clementina, Eurides, Elza, Zezé, Juracy, Judith, Floriceia, Leonor, Dionéia e *tantas que nunca tiveram nome.*

Foste rua de prosápia
e hoje ladeira de negras
de mulatas sifilíticas,
de soldados e de bêbados,
rua de miseras putas...
.....
Ó, esse amor ignorado,
que eu só te dei, ó ladeira

de insone Misericórdia:
amor de carne,
de sangue,
de saliva e beijos ácidos,
amor que sobe do fundo
dos pântanos seminais.

Godofredo foi um dos últimos representantes de uma aristocracia rural, que entrelaçava famílias de engenhos do Recôncavo e currais do Sertão. De gestos refinados, não podia sair sem um pajem para carregar a pasta ou a mala ou segurar o guarda-chuva e ajudá-lo na subida no saveiro ou no vapor, quando não na montaria em lendárias inspeções a monumentos do Recôncavo, sempre precedidas de avisos de chegada e relembranças das iguarias servidas na ultima visita. Os mestres de obras Antenor e Albano e os funcionários Dalmo e Nascimento da DPHAN exerceram, em diferentes períodos, esta função nem sempre com a discrição que tais incursões exigiam. Algumas dessas missões técnicas tiveram que ser interrompidas abruptamente, como quando foi saudado sonoramente, de manhãzinha, por Bonfim, um indiscreto funcionário de sua Escola de Belas Artes, contemplando embevecido as brumas do Dique do Tororó, em boa companhia.

O tratamento das partes na repartição por Godofredo tinha o mesmo toque de distinção dispensado aos amigos. Exigia das secretarias que anotassem as pessoas que o procuravam em sua ausência para não deixá-las sem respostas, inclusive aquelas que discretamente omitiam seus nomes. Nesses casos, era essencial anotar o qualificativo que precedia seu nome: Diretor, Doutor, Professor ou Poeta Godofredo Filho, ou ainda, Godô e Godozinho, para as mais íntimas...

Os ofícios, minutados em arabismos só decifrados por experimentadas secretárias, eram refeitos a exaustão para encontrar o tom e as palavra exatas. Os projetos desafinados tinham o seu indeferimento

procrastinado por meses, a pretexto de formação de comissões especiais, visitas ao local, viagens inesperadas ao interior, remessa do expediente para consulta ao órgão nacional, tudo para não magoar a parte. Após um ano de espera em vão, um desses suplicantes comentou: *saio com as mãos vazias, mas confortado com a fidalguia com que fui tratado pelo Dr. Godofredo.*

A poesia de Godofredo está cheia de apelos sensoriais: aroma noturno de ondas; odor de cravo, de mirra e açafrão; perfume de glicínias, gerânios, begônias azuis e rubras helicônias, até mesmo o *aroma esconso das axilas*. Sua paixão pela mesa era bem conhecida, mas ele não era um glutão. O comer e beber era o desfrute estético do paladar associado ao aroma raro, à cor única e à textura especial de alimentos e vinhos, em rituais, não raro, interrompidos pela recitação de versos de Hafiz, Omar Kháyyán e dele próprio sobre vinhos e paisagens longínquas em que eram cultivados.

Tive o privilegio de participar de alguns desses almoços reservados a uns poucos amigos, a cada sábado, na Rua 8 de Dezembro. A mesa impecável de nossa anfitriã, Dona Carmem, era ornada com pratos coloridos, fumegantes e picantes convidando-nos a decifrar sua composição e a magia dos seus condimentos. O vinho reluzente na taça era venerado em sua cor especial, limpidez e *bouquet* esquisito, enquanto o poeta tragava petiscos ardentes como brasas para em seguida saciar sua sede com o vinho eleito para a oportunidade.

Há poucas referencias à cozinha na obra de Godofredo, mas para ele a culinária devia ser reconhecida como uma das belas artes e tinha um significado especial, quase sagrado. Num daqueles almoços, Godofredo fez para os presentes uma exposição sobre o vinho e os alimentos nos momentos cruciais da vida de Cristo, nos poucos milagres que realizou, como nas bodas de Canaã, na multiplicação de pães e peixes, na ceia de despedida, no vinagre amargo que sorveu na cruz e, finalmente, na sua transfiguração em pão e vinho. Procurava, assim, descriminalizar o prazer da mesa apregoado como pecado de gula por aqueles para quem sua

renuncia não era uma virtude, porque nunca o sentiram. As referencias ao vinho, ao contrario, são freqüentes em sua obra.

Fruto em verde ou de ígneo e azul, tocado
da música da alva. Ó tessitura
de esférico sabor, lúdico aroma
de pomo etéreo. Os beijos que não são.

.....

Esvazio outras taças: do ambarino
E áureo, ao violáceo e quase purpurino,
E então é que te sinto no meu sangue
Em lume transmudado e em verso ardente.

Não era o sono, que não falta à morte, no dizer de Kháyyán, senão o prazer de sentir a vida borbulhando em suas veias o que lhe atraia no vinho. Devia-se beber até o limite da hilaridade, recomendava. E foi com esse espírito que ele tirou de sua adega poética os mais refinados néctares para saudar seus amigos e admiradores com *Os Sete Sonetos do Vinho*. Foi esse o Godofredo que conheci, um homem dividido entre as duvidas do espírito e o império das paixões, mas em busca permanente da beleza e do mistério. Brindemos o poeta!